

ATO I

Luzes. Ao fundo do palco, uma maquete de labirinto circular embranquecido. Num dos lados, platéias de papelão. No centro, uma representação de tele-prompter passando o texto para essa platéia fictícia. Noutra lado do palco, um segmento de muro do próprio labirinto. A maquete de labirinto ao fundo começa a girar, até não podermos mais discernir seu relevo interior.

Platéia

A roda gira. Com ela o mundo, o mundo perdendo suas feições inocentes no desvairado movimento. O mundo, esse tresloucado movimento! Nada se divisa com exatidão e certeza. Tudo, lividez terrificante. Em tudo, o terrível branco. Nossa íris amortecida, como se ela esperasse um número mágico selar a trégua da fortuna, os olhos ensopados, o álcool de poderosas vinhas, a amargura de um leite vazio. Enquanto gira a velocidade ardilosa, enquanto roda e mundo se prostituem, podemos ainda crer que tudo vai são e salvo? No centro. No centro estamos seguros. No eixo, tudo permanece estável!

E se... e se a roda decidir cessar? E se ela interromper sua agitação circular? Restaria o que, o que teríamos ao redor? Derramados sobre nós, apenas, os circuitos invencíveis da cidadela de amuradas. Atentai! Seu coração palpitante já se nos parece assemelhar. Vê, te adianta: não existe essa afronta diante de nós? Nem os espelhos, nem as cópulas seriam mais abomináveis.

A roda-labirinto vai parando à medida que a luz, gradativamente, dá lugar à penumbra. Mas há ainda luz intensa, um foco sobre a maquete. Surge Ariadne, a princípio meditativa, depois ganhando ares de indignação.

Ariadne

Heróis, reis, homens. Homens... estirpe de índole duvidosa, se para nos submeter, e a nós, suas consortes, todos os demônios da sedução são convocados. Mulher... E assim, às nossas custas, eis o homem em trono cativo, cego acerca da origem de sua majestade. Reis ou tiranos? Assim arrebatada, majestade que não advém senão da violência, da degradação, da perfídia, da malignidade! E sobre quantos corpos, sobre quantos corpos mais? Amontoados, inumeráveis nervos à lâmina aguda. Quantos nervos mais em pedaços? Banho de sangue, bronze desembainhado. Quanto sangue mais?! E por puro deleite, pela suprema delícia de sobreviver impune sobre a ruína de suas conquistas.

Ah, mas não desta vez! Ainda está para ser concebido o homem a burlar os desígnios dos deuses e disso safar-se! É a Posídon que Minos, meu pai, tenta lograr? A quem coube o oceano imenso, nas mãos de quem nenhuma gota é extraviada? A Posídon triunfante sobre os Titãs?! Meu pai, pobre rei, pobre homem...

Ao ouvir os gemidos e a estridência do amor animalesco que sua mãe, Pasífae, comete com o touro branco presenteado por Posídon a Minos, Ariadne vai ao chão, contraindo-se à forma fetal. Mas Ariadne se debate, tenta reagir ao sofrimento.

Ó mulher, não menos miserável: Pasífae, minha mãe, pobre mãe... Por Ártemis! Será sempre a honrada esposa quem deve pagar pela infidelidade alheia? E com que fruto, tão repugnante fruto... Mas não foi o rei, ele próprio, o adúltero com o deus empunhador do magnânimo tridente? Ó ingenuidade de minha mãe, o que fizeste? Quem te persuadiu cometê-lo? A paixão culpada não será, em verdade, a do homem que cobiçou ser temido aos olhos da multidão? Mulher desenganada, à pífia imitação do touro branco de lustríssima pelagem, disfarce astuto de Zeus para acasalar... com minha mãe, com minha própria mãe.

Ariadne levanta-se rapidamente, ao perceber o espectro de Pasífae às costas.

Ariadne

Quem és....? Me persegues, mas por quê? Queres me levar, mas aonde?

Fantasma de Pasífae

Sabes perfeitamente quem sou, Ariadne.

Ariadne

Minha mãe, minha ascendência à deriva!

Fantasma de Pasífae

Não irás por enquanto a parte alguma, minha filha, antes de... Mas saiba por que vim. Vim para que não te esqueças, esta visita é para que tua decisão não perca o fio.

Ah, se nas almas destemidas a imaginação nunca é demais!

Ariadne

[Como se procurasse um interlocutor imaginário] Guindastes divinos, que vingança poderosíssima concluiria a série interminável de nossas tolas represálias?

Fantasma de Pasífae

Não resista, deixe que tuas iniciativas se cumpram, permita que elas revelem o teu íntimo insólito e raro, indomável Ariadne.

Ariadne

[Idem] Ó Caos, tua engenhosidade poderia deixar de infundir os filhotes do monstro que nós mesmos excitamos?!

Fantasma de Pasífae

Não pragueje, Ariadne! Seja páreo à estirpe masculina... Quão arrogantes, quão pueris os homens, que supõem inquebrantável o fio de suas ações. Se nem Zeus consegue furtar-se ao Destino, o que se dirá dos varões de nossa raça? Destino, ó filha excelente em enigmas, tal e qual sua genitora, Noite!

Ariadne

Mãe, mas se já me chegam aos ouvidos as promessas do homem que virá unir-se a mim...

Fantasma de Pasífae

Prometida ao abandono! Mas depois, creia-me, depois da injúria do abandono, um outro, um ser além-homem, virá arrebatá-lo, iniciando Ariadne em delírios que não são deste mundo... Por Dioniso! Por hora, acolha em seu coração esse homem, o venerado filho de Egeu. Mas apenas o tempo de inflar nesse tosco projeto de herói, nesse títere que aportará em breve em nossa ilha, sua reles vaidade. Tolerá-lo como um antepasto, como aquilo que lhe abrirá o apetite para a legítima saciedade, a que não tem medida nem fim... Filha, agora tenho que ir. Jure, jure pelas mil faces de Afrodite!

No centro da roda-labirinto, uma bolha em nervos, semelhante a uma bolsa uterina, começa a pulsar.

Ariadne

Não, não vá ainda! Conte-me mais. Conte-me sobre o que há de verdadeiro no miolo destas galerias úmidas de traçado perturbador.

Fantasma de Pasífae

O farei, antes de partir, contarei a ti o que existe no centro do labirinto. É coisa sem lá muita veracidade, mas digna de aversão. Metade embuste, metade trágico, de comovente de uma parte, mas não se engane, de outra letal.

Ariadne

Meu irmão.

Pasífae

Sim, é ele...[*Embargada*] Ó poluição sinistra em nossos ventres, ó paixão culpada! [*Recompondo-se*] Temo... temo que talvez eu não seja a última a dar à luz tal composto de criatura, mas... Mas ter gestado o embaraço que seria dos homens me impôs um certo contentamento, admito, se esse embaraço desenvolveu-se à órbita deles, à irresistível danação dos homens. Entre o sol límpido e o negro coração, ao mesmo tempo e em toda parte, a danação é ubiqüidade! Chega, não direi mais. Agora, preste o juramento, Ariadne.

Ariadne

Juro, minha mãe feiticeira de serpentes, juro!

Ao desaparecimento do espectro de Pasífae, Ariadne retorna lentamente a sua dor, contraindo-se novamente. No centro da roda-labirinto, a bolha em nervos continua pulsando.

Platéia (vozes femininas)

Nada vai são e salvo por que a roda gira sua velocidade artilosa? São e salvo, tudo acabará no centro, onde nada se move? Ou o eixo, o eixo de tudo é draga inapelável?

A película que envolvia o centro da roda-labirinto se rompe num estrondo e, de seu interior, águas gelatinosas escorrem ao palco. Ao primeiro grito do rebento metade humano, metade touro, segue-se o marulho relaxante à entrada de cena, de frente surpreendida, de Minos.

Minos

Levanta-te, Ariadne, que flagelo é esse contorcendo tuas formas delicadas? Filha, esplendor único em Cnossos, me causa espécie! [*Pausa. Para si mesmo*] Ainda que... Sim, ainda que eu saiba o que causa as névoas de Plutão sobre ela.

[*Para Ariadne*] Ó fascínio resplandecente de Minos, folheado dourado ao toque de Minos, esqueça essas fagulhas feminis! Levanta-te e olha, avista além do trêmulo horizonte o que ganha nitidez. É quase hora da reparação, do sacrifício ser renovado, já se aproxima o que nos garante a exultação e o repouso. [*Para si mesmo*] Ah, mas como é difícil ignorar os monólogos indizíveis desse, desse... Não, não há gozo ou sossego que não passe pela supervisão desse monstro!

Ariadne

[*Levantando-se bruscamente*] Subverte os relevantes propósitos, meu rei, meu pai. Não é certo que as lonas dessas embarcações já não esvaecem, perdendo seu negror? E inteiramente, em sinal de vitória, ao retornarem de onde nunca deveriam ter saído?

Minos

[*Olhando ao redor, como que procurando*] Pasífae?

Ariadne

E não te admirará que esse presságio conclua-se desta maneira? Que, em regresso, um desses barcos anuncie como prêmio da vitória sobre os vossos domínios esta última fagulha feminil que sou eu?!

Minos

[*Idem*] Pasífae, és tu?

Ariadne

Velas pretas, velas brancas... Doravante, velas brancas!

Minos

[*Encarando Ariadne*] Dirija-me sem rodeios! É a maternidade extraviada que tenta falar por ti, que tenta restaurar a desgraça na semente de Minos? És tu, Pasífae, é tua cólera desdita?! És tu, Pasí...? [*Para si mesmo*] Meus lábios, entre a piedade e o rancor que lutam em mim, meus lábios tremem em pronunciar novamente... [*Para Ariadne*] Recobra a identidade, Ariadne, que Minos, Senhor de Cnossos, te faculta!

Ariadne

Fui até agora Ariadne. Sou Ariadne e Ariadne serei através do tempo a perder-se a conta. Mas, em breve, um sobre-humano virá dar a Ariadne nova constituição. Na mesma Ariadne, outra Ariadne. E para sempre!

Minos

Não emaranhe meus pensamentos, não o desafie. Pareces que ruminas como isto lá! [*Aponta para o centro da roda-labirinto*]

Platéia (vozes masculinas)

Nada vai são e salvo por que a roda gira sua velocidade ardilosa? São e salvo, tudo acabará no centro, onde nada se move? Ou o eixo, o eixo de tudo é draga inapelável?

Tambores rufam anunciando a chegada dos sete moços e das sete donzelas atenienses (de papelão, cujas faces exprimem o terror iminente) como tributo à besta. Entre eles, em carne e osso, Teseu. Este e Ariadne fixam seus olhares por algum momento. Quando se travar o debate entre o herói e o pai da jovem, Ariadne se postará colada ao muro do labirinto, acariciando-lhe a superfície, como se tentasse ouvir algo de dentro.

Minos

[*Medindo Teseu de cima a baixo*] Hum... Reconheço este, Teseu, que oferecerei de modo solene à insaciabilidade do âmago da arquitetura de Dédalo. Não viestes ambos, Dédalo e tu, do seio das traiçoeiras casas de Ática? Pois então, meu jovem, da mesma fonte provarás a desforra. [*Para o labirinto*] Rá, já nem sei o que é mais cruel, teu recesso último ou os traçados indigestos que lhe envolvem.

Teseu

Meça tuas intimidações, senhor de Creta! Não estamos entre iguais, a despeito de Crono? Sabes bem que nossa estima e devoção, que a nobreza de Minos e Teseu são equivalentes. [*Apontando para Ariadne*] Aliás, não consegues ver que o que também nos estreita pode estar aqui a nosso lado? Ou... talvez além desses muros, no centro agourento do teu palácio...

Minos

Me lanças displicentemente enigmas a tão poucos passos do real perecimento, filho de Egeu. Tua condição não lhe parece favorável, não é verdade?

Teseu

A tão poucos passos da destruição que importa... Quando alçamos, luminosos, à abóbada imortal? Ou, ao contrário, quando atirados ao berço sinistro, aos mimos subterrâneos do Invisível...

Minos

Ignoro tuas provocações.

Teseu

A tão poucos passos do derradeiro testemunho... Quantos já não deixaram de existir, perecendo “por julgar os enigmas matéria de sutil exame, por responder com palavras à obra da palavra?” Isto, disse-o um oráculo, que tu, provavelmente, jamais conhecerá.

Minos

Ignoro!

Teseu

A tão poucos passos... Morte, falas da morte, rei de Cnossos? O rei de Cnossos já não pereceu pela boca, prova irrefutável do quanto já definhas ao coração?!

Minos

[*Rindo*] Ah, parece ser tu quem fornece essa prova. É por desesperança, ateniense, é pelo fim prematuro?

Teseu

O último ateniense a estirar velas negras, o último! Sou eu o predestinado, o primeiro, em sinal do triunfo, a alvejá-las!

Minos

Ah, o amor-próprio. Fazes me lembrar de minha intrépida juventude. Lembrança, porém, que logo não te fará jus.

Teseu

Veremos então o que preparam os deuses. Cumpra-se a trama destes que tudo podem e nada devem!

Minos

[*Pausa. Para si mesmo*] Deuses... Por que me tocam? O que me querem infundir? [*Pausa. Para Teseu*] Meu desafortunado hóspede, creio vislumbrar que o nó cerzido à ocasião deste nosso encontro é mui oportuno à besta que encarcerei no edifício dos quatorze infinitos descaminhos. No entanto, chegará o dia, dia talvez mais adjacente do que imaginamos, em que lá, no interior do labirinto, nos encontraremos, para bebericar e trazer à baila a idade solene do homem. Nesse dia, os deuses... [*Consternado*] infelizmente extintos, infelizmente... Nessa nova era ímpia, suprimida a cintilação sublime... os deuses... E, decorrência inexorável, o valor aguerrido do homem, extinto o próprio homem! Ó Mnemosina de saudosa memória. [*Silêncio angustiante. Retoma o ímpeto*] Mas nesse dia brindaremos, filho de Egeu, nesse dia de homenagens aos novíssimos arremedos de Musas.

Teseu

Não te compreendo, cretense. Que vertigem te subiu ao crânio? É Dioniso, Dioniso se encontra à espreita?

Minos vira-se, cogitabundo, cabisbaixo, como se ignorasse o herói ateniense.

Minos

[*Para si mesmo*] “Nem sequer tua espada me está justamente destinada. Deverias golpear com uma fórmula, uma oração: com outra fábula!” Isto, que também vaticinou o oráculo desconhecido, Minos e Teseu até da ignorância deveriam arrancá-lo.

Platéia (vozes mistas)

Quando a roda-mundo deter-se, Eros tomará o lugar que lhe é de direito? E quando Eros extenuar-se, quem virá arbitrar o contencioso, qual juiz, que tribunal? E se a justiça se for, que potência então se erguerá? O que será do disco-mundo tortuoso quando a coerção desembainhar sua espada providencial? E sobre quantos corpos, quanto corpos mais?

Ariadne, com a saída de seu pai, descola-se do muro do labirinto e, com ares de desconfiança, dirige-se para Teseu. No centro da maquete do labirinto, uma imagem de lábios vaginais (ou coisa que o valha).

Ariadne

Ateniense, tua valentia propaga-se até os limites infernais. Foi Posídon quem te incumbiu de livrar das ilhas seus monstros? Foi Posídon quem te prescreveu, como recompensa pelo bom êxito, a alma desvalida de Ariadne?

Teseu

Espraia-se igualmente tua fama, bela Ariadne. Cantam que tua maravilha invade as vísceras da mais bem guardada alma.

O aparecimento do fantasma de Pasífae. Quando for a vez de sua fala, um foco de luz sobre ela; quando da vez dos jovens, o foco é retirado.

Fantasma de Pasífae

Eis a queda, a nossa... Mulher, homem, voluptuosas plumas ofegantes, banhadas em suor cáustico, em núpcias, gravitando no declínio do ultraje! Até, colados um no outro, espatifarem-se. Até as cobertas do pó lhes darem asilo, formando o teto da nossa última morada...

Ariadne

Teseu é fortaleza, Ariadne é mar. Água e rochedo, naturezas desiguais. A questão, herança tosca de Hércules, a questão é saber qual delas primeiro deixará de resistir às investidas de seu oponente. É possível às ondas do oceano fatigarem? Ao rochedo embeber-se dessas águas e vir abaixo, não é mais provável? Naturezas tão díspares, tão... O sal que promove a cura e atíça o paladar, ao maciço enxofre cabendo só o desgosto e a agonia da carne... Como me respondes a isso?

Teseu

Se é diversão o que desejas, Ariadne, creio que responder assim lhe fará mais bem que mal: amiúde a tempestade, como a que vejo em teus olhos, favorece as condições marítimas, restaurando a nitidez do horizonte aos que navegam nas águas sem medida. Renova-lhes a confiança... E o paladar! Como agora, eu navegando em teus olhos, minha prometida, eu naquilo que só em meus braços seria mitigado, eu ora aconchegado ora colhido nessa paixão indefinível, nesse apetite...

O fantasma de Pasífae se aproxima de Teseu, o rodeia e parece cochichar algo a seu ouvido.

Teseu

[*Pausa. Pensativo*] O que inspira dentro de mim...? Sim? Mas... agora? [*Para Ariadne, consentindo a essa voz que se faz interior*] Agora a condescendência pesa em

mim, Ariadne, devo tolerar essa tua aversão sem causa. Tua assistência, eu agora lhe imploro.

Ariadne

Magnífico! O rochedo sucumbe. E à primeira vaga! Que solidez grotesca é essa que a multidão louva como invencível?

Teseu

[*Ainda absorvido*] Não sei, uns sussurros... Uns sussurros me entraram à cabeça, sorrateiros, sibilaram que Ariadne soubesse do utensílio do resgate, do meio infalível de Teseu retornar ileso da profundidade do labirinto.

Ariadne

Certamente, não a mesma Sibila que soprou tuas doces intenções para comigo.

Fantasma de Pasífae

Certamente.

Ariadne

Certamente, então, a Sibila que ganhou de Apolo longa vida e acabou vivendo o resto da eternidade, miúda e ressequida qual uma cigarra, numa gaiola?

Fantasma de Pasífae

E que respondia aos pequeninos: crianças, eu quero morrer, só quero morrer!

Teseu

Os sussurros...

Ariadne

Em que nervura de círculo andas errando, meu pretendente?

Teseu

Os sussurros. [*Para Ariadne*] Há esse método, não há?

Ariadne

[*Pausa*] Sim, homem de pouca argúcia: um novelo.

Teseu

Um novelo? Ah, coisa do espírito feminino, a sutileza! Claro, que de outro modo eu regressaria, que de outro modo noticiar a vitória?!

Ariadne

Mostre gratidão a Dédalo, que além fabricar o veneno me receitou o antídoto.

Fantasma de Pasífae

[*Ao ouvido de Ariadne*] Se bem que...

Ariadne

Se bem que... Não estás a cantar o triunfo por negligência? Além do fio, e de uma lâmina bem afiada – a não ser que tuas mãos nuas se prestem como ela serviria –, não precisarás de mãos alheias, mãos em que possas confiar? Não é prudente fiar-se também disso?

Teseu

Quanto às pontas do novelo, formosa Ariadne, foram elas cingidas por antecipação: por mãos etéreas! Nem a figura do horror que mora no labirinto bastaria para afrouxar a tensão afetuosa que comunica Teseu e Ariadne.

Ariadne

É o que dizes.

Teseu

Digo simplesmente as palavras imunes à corrosão, a contar-se, a recontar-se. A façanha já é notável, Ariadne, a nossa!

Ariadne

Palavras tuas.

Teseu

Talhadas em fogo etéreo para as gerações ainda por vir, as nossas!

[*Desaparece*]

Ariadne

É o que dizes, homem do ataque, não da palavra. [*Desaparece*]

Fantasma de Pasífae

Suspeito... sentir o odor fúnebre das encruzilhadas. [*Apontando o labirinto*]
Destas?! Ó fingidas narinas! E este relento encardido, este viscoso e funesto orvalho? Que parece impregnar todos os poros, nesta minha tez que já deveria ter renunciado a qualquer sensibilidade... E estas formas, e esta coloração, com as quais os seres da potência e do capricho nos tingiram e moldaram? Inútil compreendê-las, inútil contemplá-las.

Ouvem-se os ecos da voz incompreensível da besta encerrada ao labirinto. O fantasma de Pasífae agora visivelmente angustiada.

Fantasma de Pasífae

No entanto... uma sensação ao ouvido, esta sensação que resiste... Vibração que vêm de longe, em vagas, em vagas invisíveis... Um resmungo? Não. Parece ressoar de dentro, um resmungo da profundidade de um coração insondável. Serei eu, seremos nós sua fonte?

A besta emite novos sons enigmáticos.

Apartai-vos de mim, apartai-vos de nós! Por que não nos deixam? Por que não conseguimos deter sua proliferação insensata? Ó energia bruta e matinal. Por que nos lançamos absurdamente na tarefa absurda de domesticar a absurdez de sua emissão selvagem?! Eis o verdadeiro absurdo, eis o enredo do absurdo: palavras, palavras! Multiplicai a palavra! Elas por elas, até a última delas, com elas até o fim... Até não restar boca alguma a lhes dar sobrevida. [*Desaparece*]

Platéia

Fuga dos tempos, tempos de escape. O tempo entornará o tempo? O tempo entornará a tempo? Este, o tempo de sonegar o tempo, o tempo de safar-se a tempo?! Cada qual por si, cada qual contra si, por si mesmos, contra si mesmos.

Ariadne e Teseu reaparecem. Ela amarrando o fio salvador na cintura do seu pretendente. Teseu se vira, estende os braços e toca as têmporas de Ariadne, um gesto de carinho. Ela abaixa a cabeça como que resignada, e entrega-lhe uma espada. Teseu está na iminência de entrar no labirinto.

Luzes se apagando suavemente. “Estrobo”. Ao som de algo como “The great collapse”, de NIN, Teseu adentra os corredores, tenso, como se algo estivesse à espreita, vai de lá pra cá ora cauteloso, ora ligeiro. O avanço através das paredes do labirinto é representado por fileiras de blocos de papelão ou outro material delicado, que sobem e descem ao palco. Quando Teseu chegar ao centro do labirinto, o monstro, que se mantivera na escuridão, sentado, pensativo, se erguerá abruptamente com os braços levantados em sinal de combate.